

## **O OLHAR DA GESTALT-TERAPIA SOBRE A FAMÍLIA DE ORIGEM, O RELACIONAMENTO CONJUGAL E A CONFIGURAÇÃO FAMILIAR DE SEUS MEMBROS**

Núbia Karla Rocha de Jesus<sup>1</sup>; Priscila da Silva Alves dos Santos<sup>1</sup>; Tatiana Alves da Silva Miranda<sup>1</sup>; Andrea Loss Nunes<sup>2</sup>

1. Graduação em Psicologia pela Faculdade Brasileira – MULTIVIX Vitória.

2. Doutoranda em Psicologia pela UFES – Universidade Federal do Espírito Santo. Docente do Departamento de Psicologia da Faculdade Brasileira – MULTIVIX Vitória.

### **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo analisar a relação entre a família de origem, o relacionamento conjugal e a configuração familiar de seus membros. As transformações mais importantes para a construção do “eu”, a relação estabelecida com a família de origem e onde ocorrem essas transformações são de suma importância para a formação do indivíduo, bem como o que ocorre nesta relação. O contato, compreendido como uma troca de experiências, de sentimentos e/ou de relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo, é fundamental para a percepção do ser humano como existente e suas relações sociais estabelecidas. O método proposto para o desenvolvimento do estudo seguiu o percurso da pesquisa exploratória. Foram selecionados 15 artigos publicados entre 2005 e 2015 para o estudo. Os resultados apontam aspectos como a forma de contato e o ambiente social como mediadores das relações estabelecidas.

**Palavras-chave:** família de origem, relacionamento conjugal, configuração familiar, Gestalt-terapia.

### **INTRODUÇÃO**

A família é o lugar que dá origem à história de cada pessoa, é um espaço onde se constroem vínculos importantes. Ainda que se possa acreditar que é possível deixar de pertencer a uma família, romper os laços de origem e seguir na constituição de outra, lembranças e memórias de um convívio familiar ficarão como marcas em histórias pessoais, fonte de acesso para qualquer momento. A família pode funcionar como uma importante base ou alicerce para futuras relações interpessoais e para a existência do indivíduo, pois os primeiros contatos estabelecidos com o outro são realizados nesse grupo (MELO, 2012).

O contato familiar favorece a constituição da personalidade que é influenciada pelo processo perceptivo do indivíduo. A Gestalt-terapia define contato como troca de experiências, de sentimentos e/ou de relação, não apenas com o outro, mas consigo mesmo e com o mundo, pois é pelo contato que o indivíduo se percebe como existente (MELO, 2012).

As organizações familiares também refletem o funcionamento da sociedade, ao mesmo tempo em que atuam na formação do indivíduo. As mudanças sócio-político-culturais colaboram para a reflexão sobre os padrões adotados pela família, ajudando a compreender o ciclo familiar. A família é um sistema que integra uma sociedade e não interage sozinha. É um sistema movendo-se através do tempo, promovendo o desenvolvimento de relações humanas, seja ela conjugal ou familiar (MELO, 2012).

A Gestalt-terapia elabora discussões sobre o tema “família”, por meio da análise das relações intra e interpessoais e a forma de estabelecer o contato nessas relações. A família é vista como base ou alicerce das relações interpessoais e da construção do indivíduo, pois os primeiros contatos interpessoais com o outro são realizados nesse grupo social. É preciso se relacionar para se constituir, crescer e se tornar pessoa. A troca dinâmica que acontece na relação com o outro promove crescimento. O indivíduo, à medida que se relaciona com as outras pessoas e com o meio, os afeta e é afetado, assim como, em contato com o meio em que vive, promove transformações em si e também transformações em seu meio (MELO, 2012).

A transmissão pela família de um conjunto de normas, valores, crenças e costumes pode ser assimilada e estar presente na vida do indivíduo em qualquer relacionamento estabelecido e na construção de uma nova família. A relação estabelecida com a família de origem contribui para que ocorram modificações na vida do indivíduo, interferindo em sua formação (CARMO, 2007).

O grupo familiar precisa oferecer um ambiente seguro, favorecendo vivências e experiências de todo tipo, dolorosas ou não, negativas ou não, oferecendo subsídio para o indivíduo aprender a viver em equilíbrio. Desde cedo o homem tem a necessidade de estar agrupado, em companhia, ter contato. A família é o primeiro grupo onde essa necessidade pode ser preenchida, já que é extremamente importante para a construção dos vínculos. Cabe a ela a função de auxiliar na organização dessas vivências em grupo e em sociedade (QUERINO, 2006).

A família é entendida pela Gestalt-terapia como um sistema que integra uma sociedade e não interage sozinha, faz parte de um todo. Como um organismo composto de órgãos, esse todo influencia e é influenciado pelo meio no qual os membros fazem parte. A família representa uma instituição responsável por auxiliar seus membros em suas relações interpessoais, pois o nosso primeiro contato com o mundo se dá com ela e por meio dela (LINO, 2009).

No entanto, o contexto familiar pode auxiliar ou até mesmo prejudicar esse contato com o meio. Isso vai depender de como as relações são estabelecidas e aprendidas, como a família enxerga as relações, como a construção da forma de estabelecer contato consigo e com os outros acontece nesse meio. O meio em que está inserida influencia a forma como cada membro a percebe, intervindo e auxiliando o processo de socialização de cada um deles (LINO, 2009).

Independente de como a família se organiza e se mantém, ela é parte significativa para a construção de novas relações. O que adquirimos nesse grupo, dá-nos base para construção de outras relações interpessoais, inclusive a relação amorosa e conjugal. Estar em família, viver em família, representa para a maioria das pessoas uma base, um refúgio, um alicerce para auxiliar na forma de interagir com o mundo. Não há como falar de família sem resgatar as relações entre indivíduos e sociedade, pois ela faz parte da configuração social em que vivemos (LINO, 2009).

No seio da família ocorrem as transformações mais importantes para a construção de um “eu”. Nessa relação, o contato entre seus membros, a forma como se encontram e se

correspondem, fazem parte de uma dinâmica de aprendizado contínuo na vida dessas pessoas. O contato é a ferramenta mais importante desse encontro, pois estar em contato não é apenas interagir, é muito mais que estar atento, é, na verdade, estar consciente de si e do outro. O contato favorece o convívio e é por meio dele e de trocas perceptivas que as pessoas se conhecem, se identificam e se encontram. Pelo contato a pessoa tem a percepção de sua existência e do meio geográfico, ou seja, o seu meio físico em que está inserido (MELO 2012).

Existem quatro fases para o estabelecimento do contato, segundo a Gestalt-terapia. São elas: O Pré-contato, entendida como uma fase de sensações, na qual a percepção ou excitação do corpo, percebida por meio de um estímulo do meio, torna-se a figura que solicita a atenção da pessoa; a Tomada de contato, fase ativa, onde o organismo assimila o meio; o Contato final ou Contato pleno, momento essencial de confluência saudável entre o organismo e o meio, entre o eu e o tu, momento de rompimento da fronteira onde tudo se encontra no aqui agora; e o Pós-contato, fase de assimilação que favorece o crescimento. Contato é a emoção experienciada no processo vivencial da existência, onde cada pessoa a compreende e percebe de forma única e verdadeira, onde ocorrem as trocas e transformações (MELO, 2012).

O contato com o outro e com o meio deve ser o de busca pelo contato pleno, pois este representa uma troca saudável, produzindo crescimento e transformação, favorecendo a integração da personalidade. A Gestalt-terapia entende que o indivíduo percebe o meio e o outro, mediado por uma fronteira do eu ou fronteira de contato. A forma como ele percebe esse meio e a si mesmo refere-se à sua fronteira ou limite. A fronteira de contato é o ajustamento, a busca pelo equilíbrio entre o organismo e o meio, é a adequação da pessoa a uma determinada situação vivenciada, que pode interferir no contato e é construída por meio dessa interação. Essas fronteiras, por vezes, quando não são bem estabelecidas, podem alterar a percepção, acarretando em afastamento e alguns sentimentos negativos (MELO, 2012).

Fronteiras do ser humano - as fronteiras do eu - são determinadas pelas experiências de vida e pela capacidade interna para assimilação de experiência nova, capacidade que o indivíduo tem de criar a sua própria vida, que inclui reconhecer e adequar-se ao seu meio ambiente. O contato nunca pode ser inteiramente independente da escolha de ambientes ou da criação de novos ambientes. Fritz Perls organizou cinco conceitos para descrever a fronteira de contato. São eles: fronteira do corpo, de valor, de familiaridade, expressiva e de exposição (POLSTER; POLSTER, 2001).

Fronteiras do corpo referem-se aos limites de contato das pessoas em relação ao seu próprio corpo. A consciência da sensação de algumas partes ou funções pode estar restringida ou limitada e permanece fora do conhecimento que elas têm de si. Essas pessoas podem evitar o contato com partes importantes delas (POLSTER; POLSTER, 2001).

Fronteiras de valor, no geral, são rigidamente estabelecidas, provavelmente por causa das pressões que as pessoas vivenciam ao longo da vida. Sofrem quando há necessidade de abandonar os próprios padrões. Dessa maneira, deve-se aprender a expandir as fronteiras de valor para abrir caminhos para resoluções de problemas de forma criativa (POLSTER; POLSTER, 2001).

Fronteira de familiaridade às vezes é influenciada pelo medo do desconhecido. As oportunidades permitem experienciar somente uma pequena porção das possibilidades que se apresentam na vida das pessoas, e limites de tempo restringem o contato com o novo ou pouco familiar. Essas fronteiras são inevitáveis e parcialmente removidas com base no contato, no encontro com situações e pessoas novas. No entanto, essa fronteira é estabelecida pelas próprias pessoas e quando há a recusa de contatar-se em virtude de um limite imposto (POLSTER; POLSTER, 2001).

Fronteiras expressivas são organizadas sob a influência de tabus. Os tabus contra o comportamento expressivo começam cedo, quando a criança ouve dos adultos: “não toque”, “não se mexa”, “não chore”, “não se masturbe”, “não urine” e, assim, as fronteiras são delineadas. Aquilo que começa na infância continua conforme crescemos, mas de um modo mais sutil do que os “não faça” original (POLSTER; POLSTER, 2001).

A fronteira de exposição também compartilha um terreno comum com todas as outras fronteiras, contudo, a relutância específica se manifesta em relação à pessoa ser observada ou reconhecida. Um indivíduo pode saber o que ele valoriza, pode expressar e, até mesmo, agir de maneira apropriada para tal, mas insiste em fazê-lo de maneira privada ou anônima. Pode criticar anonimamente, ser generoso anonimamente, porém sem disposição para aceitar as observações dos outros além de seus próprios limites. Outras pessoas podem não querer ser identificadas como cruéis, sedutoras, críticas, manipuladores, exigentes, ingênuas, inexperientes e assim por diante. A exposição é perigosa, seja ela exposição aos elementos, ao desprezo ou à exigência dos outros (POLSTER; POLSTER, 2001).

As formas de contato mais comuns fazem parte do nosso dia a dia, e estão presentes na maioria das nossas relações, viabilizadas pelo toque, olhar, escutar, falar, sentir, etc. Quando as necessidades do indivíduo são identificadas e atendidas, gestaltens são fechadas, as necessidades são satisfeitas e os conflitos são amenizados e, até mesmo, resolvidos de forma saudável. Quando o indivíduo não mobiliza energia para a ação, pode refletir em contatos não espontâneos e não criativos, acarretando na insatisfação do mesmo. As formas de relações estabelecidas e suas individualidades podem manifestar produções de neurose, que para a Gestalt-terapia é a evitação de contato. A Gestalt-terapia nomeia esse estado como “resistência” (HANSEN, 2016; QUERINO, 2006).

No contato com o outro e com o meio, pode-se desenvolver formas resistentes, ou seja, formas de se evitar contato com o meio externo ou seu mundo interior, afetando a si mesmo e suas relações interpessoais. Perls (1988) elaborou cinco conceitos para descrever as resistências, as nomeando como: Introjeção, Projeção, Deflexão, Retroflexão e Confluência. São mecanismos neuróticos presentes nas relações, que podem ocasionar alteração em sua percepção e mudar a forma de interação com o mundo e com o outro. Essas barreiras ou formas de resistência estão presentes no indivíduo de forma dinâmica, porém, quando não compreendidas e resolvidas, podem acarretar conflitos consigo mesmo e com o outro/meio.

A introjeção acontece quando não se compreende que se possui uma capacidade de discriminação, “engolindo tudo sem mastigar”, sem ter consciência sobre o que está deixando fazer parte de si. O que é assimilado do meio passa a ser da pessoa, podendo reter ou devolver ao meio de forma transformada. A introjeção pode ser normas, atitudes, modos de agir e pensar que não são assimilados. A projeção é uma evitação de contato em que o

indivíduo percebe como sendo do outro/meio aquilo que diz respeito a si, à sua personalidade. Já a confluência acontece quando o indivíduo não consegue compreender a separação entre si e o outro/meio, as partes e o todo são indistinguíveis, e não consegue discriminar entre o que ele é e o que os outros são. A retroflexão significa “voltar-se contra”, ou seja, a pessoa retroflexiva faz consigo o que gostaria de fazer com o outro/meio, ela redireciona atividade para si (PERLS 1988).

Nas relações amorosas, quando há o uso dos mecanismos neuróticos, se pode, geralmente, perceber que não está havendo a capacidade dos dois ou de um deles de encontrar o equilíbrio saudável entre o casal e a individualidade de cada um. E qualquer confusão entre a fronteira de contato da relação com a fronteira de suas individualidades pode sugerir a produção da neurose e/ou a evidência de um dos mecanismos de defesa, pois, muitas vezes, para serem funcionais, os limites destas fronteiras devem ser fluidas e flexíveis (HANSEN, 2010, p. 85).

Quando as evitações de contato se tornam autoconscientes e compreendidas, o indivíduo tende a ter uma relação saudável consigo mesmo, com a família, com as pessoas à sua volta e com o meio ao qual está inserido. Não cria afastamento, conflitos e outras resistências em suas relações. Busca-se contato pleno, para manter-se saudável com suas necessidades satisfeitas e podendo contribuir para a transformação do meio à sua volta, de forma criativa. Entende-se que quando a família estabelece com seus membros um contato genuíno, contribui de forma saudável para a formação do indivíduo e as relações que este estabelece fora e dentro do ambiente familiar (HANSEN, 2010).

Novas possibilidades se formam a partir do ajustamento criativo, no momento em que indivíduos se encontram e se permitem envolver-se com o diferente, com o novo, e o ajustamento ao meio se torna saudável. O ajustamento criativo é um processo de autorregulação estabelecido por meio do contato, possibilitando desenvolvimento e crescimento estabelecidos a partir da interação com o meio. No relacionamento há o envolvimento, interação e desenvolvimento dos indivíduos a partir das experiências adquiridas na fronteira de contato. Compreendemos, então, que há uma ação de indivíduo para o meio e do meio para indivíduo (BERNARDO, 2014).

O ajustamento criativo pode ser compreendido como fator de saúde e mudança, favorecendo a solução de conflitos e criando possibilidades para situações novas. No relacionamento conjugal, o ajustamento criativo ocorre na fronteira de conjugalidade, porém, pode haver obstáculos advindos de situações inacabadas, não resolvidas. Dessa forma, o casal precisa buscar flexibilidade, pôr em evidência as formas de resistência e os bloqueios para que possam, por meio do contato, resolver os conflitos que surgem na relação (SILVEIRA, 2007).

## RELACIONAMENTO CONJUGAL

É por meio do relacionamento afetivo que os indivíduos buscam encontrar um parceiro que possa dividir sentimentos, intimidade, proximidade e experiências por meio do contato. De acordo com Ribeiro (2007), contato vai além de estar atento ou consciente de si e do outro, é torna-se associado com e da totalidade do outro. O contato é um dos elementos fundamentais para que haja o vínculo dentro de uma relação afetiva. É por meio dele que há possibilidade de trocas de experiências e conhecimento um do outro. Ribeiro (2007) define contato como sinônimo de encontro pleno de mudança de vida. É um jeito de ser, um jeito de se expressar, fazendo o indivíduo tornar-se visível aos outros.

Observa-se que a relação conjugal na contemporaneidade se estabelece como uma relação de desejo que satisfaça necessidades individuais e coletivas, ou seja, o relacionamento visa a satisfação de ambos envolvidos e não somente de um dos membros. Uma relação em que haja uma completude troca de experiências e de sentimentos com o outro, que estabeleça contato.

[...] pode-se afirmar que uma relação conjugal se trata de um fenômeno. Desta maneira, esta relação é vista pela Gestalt-Terapia como um todo, sendo este um fenômeno integrado e organizado, permitindo que qualquer coisa que ocorra com uma parte destes indivíduos afetará o todo (MELO, 2012, p. 7).

São nessas novas relações que histórias diferentes se encontram e se misturam por meio dos cônjuges, formando um novo sistema familiar. É esperado que dessa relação manifestem-se novas alianças, formando a base de uma nova configuração familiar, compondo assim a fronteira da conjugalidade. O vínculo conjugal sustenta-se tanto pelo desejo dos indivíduos quanto pela comunidade que os reconhece como tal. Essa experiência dada e vivida pelo casal possibilita estabelecer uma identidade e funcionamento próprio, mesmo quando a base do laço conjugal se origine das heranças sócio-históricas vividas pelo grupo em que o indivíduo foi inserido e com o legado familiar recebido. O que foi herdado pode não ser um elemento essencial para o casal, mas estarão presentes (SILVEIRA, 2007).

O casamento é a principal área de autorrealização social, porém, na contemporaneidade, os indivíduos se divorciam, porque a importância da relação conjugal é tão grande que acabam não suportando quando suas demandas e expectativas não são correspondidas ou satisfeitas. Alguns dos fatores que interferem no casamento podem ser o dilema da conjugalidade e a individualidade. O mundo moderno enaltece a liberdade, o individualismo, logo, tais fatores vão de encontro à construção de um ideal comum entre o casal (CARMO, 2007).

O relacionamento vem sofrendo as influências da sociedade moderna, que prega a competitividade e o individualismo, dificultando essa relação de troca entre o casal (MELO, 2008). O contato é considerado de grande relevância para o casal, já que precisam se ouvir, se tocar, sentir o outro, falar com o outro. Quando o casal não consegue manter essa dinâmica, podem surgir dificuldades em resgatar as questões em aberto ou inacabado do relacionamento (POLSTER; POLSTER, 2001).

A agitação que a vida moderna reservou para os indivíduos, a falta de tempo, tecnologia e redes sociais são fatores que contribuem para o afastamento das pessoas, principalmente em suas famílias, priorizando o contato com o meio externo e inviabilizando um contato pleno com os membros de sua família. A sociedade atual tem se importado mais com as questões afetivo-emocionais que fazem parte da relação, porém, conserva entre si hábitos e comportamentos construídos e organizados a partir do contato com a sociedade. (QUERINO, 2006).

## FAMILIA E SOCIEDADE

Observamos que o mundo moderno possibilita que um novo olhar se estabeleça e cada indivíduo possa representar para si mesmo o modelo de família idealizado, um modelo construído a partir de elementos que compõem a sua própria realidade. Os casamentos na

atualidade se tornam mais transitórios, visto que não estão submetidos a regras constituídas há décadas. Mudanças cooperaram para as modificações do casamento e dos papéis masculinos e femininos, visto que a mulher passou a lutar por um lugar no meio profissional, político e num ambiente fora do lar. Podem-se citar alguns avanços significativos desses processos, como a pílula anticoncepcional, liberdade sexual, dentre outros fatores. Apesar das mudanças ocorridas no cenário familiar na atualidade, a figura masculina ainda ocupa um lugar de autoridade dentro da família, sendo considerado em muitas culturas como o provedor principal do lar (PINTO, 2013).

Essas mudanças sociais vêm acontecendo em diversos contextos desde as últimas décadas, influenciados pela globalização e suas dimensões socioeconômicas, culturais e tecnológicas. Essas modificações que ocorreram ao longo do tempo possibilitaram o desencadeamento de relacionamentos mais frágeis e superficiais. Os tempos mudaram, a mulher vem conquistando seu espaço no mundo do trabalho e familiar, obrigando o homem rever seu papel no âmbito social e familiar. Com o avanço das novas tecnologias e a globalização, vive-se em uma época em que as pessoas mantêm um distanciamento físico. No entanto, isso geralmente não é visto como empecilho para uma nova aproximação (LINO, 2009).

Trata-se de uma relação complexa, em que a totalidade dos fatos sociais tem relevância. Na formação da família, os vários campos, como o social, o político, o econômico e o cultural, requerem de cada indivíduo uma reorganização interna e externa. Essa reorganização se dá ao longo do tempo, onde uma reconfiguração do espaço relacional acontece de forma dinâmica por meio dos membros da família. Cada membro da família vai se constituindo, redesenhando-se, na medida em que as pessoas entram em contato com os diversos contextos na qual a família se insere (CARMO, 2007).

A instituição família é uma instituição social histórica, sujeita a mudanças que podem ocorrer de acordo com as relações construídas e estabelecidas. É uma instância de extrema importância para esse processo de socialização, assim como para o desenvolvimento da subjetividade autônoma, ensinando as crianças o que deverá dizer, fazer e pensar. Isso não quer dizer que cada indivíduo não tenha liberdade para agir ou reagir de acordo com as influências que o cerca. A educação dada pela família tem um peso no desenvolvimento do indivíduo, mas ele pode agir e ir contra os valores recebidos (LINO, 2009).

O papel da família é entendido como o de formar sujeitos, cidadãos conscientes da sociedade em que vivem cidadãos com seus valores éticos, morais e com uma perspectiva de vida melhor. No entanto, a sociedade vem passando por transformações no estilo de vida e as relações que estabelecem com seus semelhantes vêm mudando (QUERINO, 2006). A família não é o único canal em que se pode promover a socialização, mas é um grupo social responsável pela tarefa de socializar, por constituir uma mediação entre o homem e a sociedade. Interioriza aspectos ideológicos dominantes da sociedade, projetam nos demais grupos os modelos de relação que foram criados dentro do próprio grupo, dos valores éticos, da moralidade, como também dos padrões de comportamento (CARMO, 2007).

Novas configurações familiares estão presentes nas sociedades e também nas comunidades religiosas. Nessas comunidades, as famílias estão se fazendo, desfazendo e refazendo. As configurações familiares vão ao longo de sua construção sócio-histórica se recriando em

vários contextos, como comunidade religiosa, política, acadêmica, do trabalho e tantos outros contextos sociais. Esse movimento faz com que novas configurações familiares surjam (SOUZA, 2009).

As pessoas vêm buscando sua realização e felicidade pessoal e passam a ser mais corajosas em assumir suas escolhas de relacionamentos que trazem mais prazer e realização. Como a infidelidade familiar não escolhe as pessoas de acordo com sua classe social ou por sua opção religiosa, observa-se que nas comunidades religiosas vêm crescendo as novas e diversas configurações familiares, a partir de recasamentos (DANTAS, 2011).

A religião, ao longo de sua história e na contemporaneidade, continua exercendo uma grande influência nas configurações familiares, principalmente no papel da mulher. As características da mulher cristã é ser uma boa esposa, boa mãe, boa dona de casa e com a tarefa de edificar a casa. Nesse contexto, a religião não acompanha algumas mudanças familiares da contemporaneidade, contudo, a organização familiar vem se desfazendo e refazendo também no contexto religioso. As mudanças que ocorrem no contexto familiar se dão nessa redefinição dos papéis de gênero e do surgimento de novos arranjos familiares no contexto social (SOUZA, 2009).

Toda mudança gera incertezas e resistências, por isso, as novas regras começam com o rompimento ou não de velhos paradigmas. É diante das novas configurações da família contemporânea que a religião não pode adotar princípios para exclusividade, muito menos intolerância. Contudo, é necessário diante das novas mudanças, que se elaborem novos conceitos para as novas configurações e indagações que as famílias contemporâneas exigem (RIBEIRO, 2007).

O papel dos indivíduos nas novas organizações familiares tem sido constantemente avaliado e reavaliado, em busca de uma satisfação para todos que compõe esse grupo. A modernidade não só trouxe problemas de relacionamento para a família, mas também aproximou o pai dos filhos de maneira afetiva, pois a figura paterna, que antes era temida por sua autoridade, está se modificando. Pais e filhos passaram a se relacionar de maneira mais próxima e afetiva (SOUZA, 2009).

Tais mudanças possibilitaram novas recomposições, impedindo que as diversidades de situações cotidianas formassem um padrão dominante de família e casamento. Dificuldades financeiras propiciaram às famílias resgatar vínculos de parentesco que haviam se perdido no decorrer da modernidade, buscando e se movimentando de maneira criativa para melhores condições, e para assegurar a sobrevivência, proteção e inclusão social (SOUZA, 2009).

A vida é esse processo dinâmico e em movimento. O cotidiano, possivelmente dita as mudanças, as novas regras, as novas configurações. É um momento transformador por meio do contato, pois sem isso nada se cria. As novas experiências são por meio do contato, pois este é feito de interações que vêm das relações, sejam conjugais ou não. É uma maneira de expressar, é o encontro entre duas ou mais pessoas, que se dá nas mais diversas formas e de maneiras diferentes (RIBEIRO, 2007).

Problematizações foram elaboradas a partir das leituras expostas no corpo do texto e proporcionaram a proposta desse estudo. Dessa forma, o problema elaborado foi: existe relação entre a família de origem, o relacionamento conjugal e a nova configuração familiar de seus membros? O objetivo geral desse estudo foi analisar a relação entre a família de origem, o relacionamento conjugal e a nova configuração familiar de seus membros. Os objetivos específicos traçados foram: identificar aspectos da família de origem e da nova configuração familiar e avaliar possíveis interferências sobre as configurações familiares.

## **MÉTODO**

Pesquisa exploratória que visa o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições, sendo desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de artigos científicos e livros (GIL, 2002).

Foram selecionados artigos publicados entre 2005 e 2015, de revistas como: IGT na rede, Nufen – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas, Psicologia Clínica PUC-RJ, Comunidade Gestáltica, Revista Psicologia Reflexão e Crítica e Pensando famílias. A pesquisa buscou artigos com os descritores: família e relacionamento conjugal, na perspectiva da Gestalt-terapia. Foram encontrados 40 artigos. Entre os 40 artigos, foram selecionados 10 para o estudo, pois apresentaram foco no tema investigado. A revista IGT na rede proporcionou uma quantidade maior de artigos relacionados ao tema. Foram cinco artigos da Revista IGT na rede e um artigo da Revista Nufen. Na Revista Comunidade Gestáltica utilizamos um artigo, um artigo da Revista Psicologado na categoria Humanismo, um artigo da Revista Psicologia Reflexão e Crítica, um artigo da Revista PPOL, Psicopedagogia Online.

Realizaram-se leituras sistemáticas de todo material encontrado para identificar e selecionar os textos de relevância para a pesquisa. Classificou-se e registraram-se as informações em campos como: autores, ano de publicação, objetivos, conteúdo, resultados encontrados. Fez-se leitura analítica, ordenação e resumo das informações coletadas nas fontes de pesquisa, para facilitar a obtenção de respostas às questões levantadas pelo estudo.

As informações extraídas e consideradas relevantes para a pesquisa foram analisadas de forma qualitativa, com base no referencial teórico. Define-se esse processo de análise qualitativo como uma sequência de atividades que envolvem a extração das ideias principais, visando a compreensão dos dados, a categorização dos dados, sua interpretação e a redação do relatório (GIL, 2002).

Os dados coletados para análise e elaboração estão apresentados no Quadro 01. Os respectivos artigos foram de suma importância para a construção desse estudo e podem servir para novas pesquisas, por se tratar de um assunto pertinente às famílias e à construção dos relacionamentos entre os indivíduos.

QUADRO 01: Dados coletados conforme título, autor, ano de publicação e revista.

| <b>Título</b>   | <b>Autor</b>      | <b>Ano publicação</b> | <b>Revista</b>                        |
|---|-------------------|-----------------------|---------------------------------------|
| Um olhar gestáltico acerca da auto-regulação familiar   | BERNARDO, J. G    | 2014                  | PPOL Psicopedagogia Online            |
| Configurações familiares: um novo paradigma   | CARMO, M          | 2007                  | Rev. Comunidade Gestáltica            |
| A Gestalt-Terapia diante do amor nas relações afetivas heterossexuais   | DANTAS, M. F      | 2011                  | Revista IGT na Rede                   |
| As relações amorosas à luz dos mecanismos neuróticos  | HANSEN, I. D      | 2010                  | Revista IGT na Rede                   |
| A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares   | LINO, M. V        | 2009                  | Revista IGT na Rede                   |
| Gestalt-Terapia: A definição de contato e a relação conjugal  | MELO, G.P et. al. | 2012                  | Psicologado                           |
| O ciúme nas relações amorosas contemporâneas: um olhar gestáltico   | PINTO, B. C. V    | 2013                  | Revista IGT na Rede                   |
| A família de origem como influência nas manifestações de contato dos filhos dentro de suas relações conjugais | QUERINO, D        | 2006                  | Revista Psicologia Reflexão e Crítica |
| O papel da criatividade nas relações conjugais: os limites do “eu” e os limites do “nós”.                     | SILVEIRA, T. M    | 2007                  | Revista IGT na Rede                   |
| Perspectiva social e projetiva das representações gráficas da família em crianças paraenses                   | SOUZA, A. M. D. R | 2009                  | Rev. NUFEN                            |

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conteúdo analisado aponta a relação entre a família de origem, o relacionamento conjugal e a nova configuração familiar mediado por aspectos como: formas de contato e o ambiente social.

### FORMAS DE CONTATO

Existem formas de estabelecer contato na família de origem, na relação conjugal e na nova configuração familiar que ocorrem na fronteira do eu, na interação entre o organismo e o ambiente. É nesse processo contínuo de estabelecimento de contato que as relações humanas e com o mundo se transformam. O contato acontece no lidar com o outro, no

reconhecimento do outro, na fronteira do “eu” e “não eu”. Todo contato é dinâmico e criativo. Esta experiência de vida, que compõe toda a história do indivíduo, irá possibilitar flexibilidade ou não na fronteira, e toda experiência que se dá em novas relações.

O contato que temos desde o nosso nascimento até o fim da vida é parte importante para a construção do “eu”, provocando transformações e mudanças não apenas no indivíduo, mas em todo o meio que o cerca. O indivíduo precisa estar em contato para que se reconheça como ser, sendo o contato de suma importância para um bom relacionamento. Essas fronteiras do ser humano são constituídas por meio das experiências de vida e pela capacidade interna de assimilar as novas experiências, podendo assim definir as ideias, ações, valores, imagens, memórias, etc. com as quais a pessoa está disposta a se envolver de forma plena (DANTAS, 2011; MELO, 2012).

O contato com a família influencia a forma de transmissão de valores e crenças que vão marcar a vida do indivíduo, e são baseadas nesse aprendizado em família e em sociedade. No processo de aprendizagem e de obtenção de um maior nível de consciência de sua existência, o indivíduo vai vivenciando, se relacionando e se construindo. O indivíduo absorve do meio em que está experiências vivenciadas por ele e contribui para que seja positiva ou negativa, dependendo de sua consciência desse momento. Nas relações familiares, isso ocorre a todo o tempo, pois a família é parte desse todo. A forma como se percebe o mundo e o outro é basicamente construído a partir de como tudo a sua volta é percebido. A percepção se dá pelo estabelecimento de contato entre os membros familiares.

Sobre a percepção é possível compreender sua singularidade, já que cada pessoa percebe o meio a sua volta de forma diferente umas das outras. Cada indivíduo vai integrar as informações decorrentes nas suas relações, de forma única e particular, agindo e reagindo conforme percebe o seu entorno e toma consciência do que percebeu. A partir de sua percepção, o organismo se prepara para atender as necessidades, mas podem ocorrer conflitos e sua interpretação ser desviada ou mal compreendida, reagindo conforme interpretou (SILVEIRA, 2007).

Os mecanismos de defesa, ou seja, as resistências, podem levar não apenas o casal, mas todo ser em relação a agir e reagir de forma a evitar o contato pleno. Quando ocorre uma interrupção no contato, o indivíduo tende a rejeitar ou fugir. Dessa forma, as mudanças não ocorrem e o meio não pode ser alterado sem que o indivíduo faça parte dessa transformação, sem que esteja consciente disso. Quando os mecanismos de defesa se tornam dominantes na relação, os conflitos podem ocorrer. Na busca para resolvê-los, o indivíduo tende a se afastar, se excluir e até mesmo romper a relação. Assim, a maneira como percebem e compreendem tais mecanismos de defesa afeta a forma de contato deste indivíduo com o meio e com o outro.

No entanto, independente de como a família se organiza e se mantém, entende-se que ela é a principal responsável pela formação da personalidade e da construção do eu. O contato é a ferramenta principal, a mais importante deste encontro, pois em uma relação, a forma como estabelecem o contato influenciará novas percepções e novos comportamentos que poderão estar presentes na nova configuração familiar.

Neste sentido, a forma como a família interage com seus membros reflete em toda maneira como o indivíduo vai se comportar em sociedade e em grupos de pares, principalmente na relação conjugal. Os casais tendem a repetir comportamentos vivenciados pelos pais, irmãos e cuidadores mais próximos, promovendo, por vezes, a transmissão dos hábitos da família de origem (QUERINO, 2006).

Em algumas relações, nesse momento pode haver conflitos, pois cada um dos cônjuges traz consigo traços da relação com a família de origem e características diferentes de personalidade. Quando estão casados, precisam ser flexíveis ao lidar com o outro, o que nem sempre acontece. Alguns casais utilizam dos mecanismos internos de criatividade e conseguem lidar com as situações adversas, outros, no entanto, aprendem com as experiências que vivenciam na relação a dois (BERNARDO, 2014).

O casal, em busca pelo contato pleno, pode se ajustar criativamente, trazendo saúde para a relação. O diálogo aberto e sincero, a comunicação de forma clara, o apoio mútuo, o conforto nas dificuldades, o humor, as opiniões de cada um, os acordos, os momentos de carinho, as críticas construtivas, a experiência da vivência das ambivalências, dos conflitos, são sinais de maturidade e resultado de uma vida a dois, proporcionados pelo estabelecimento de contato.

## AMBIENTE SOCIAL

A configuração familiar, a relação conjugal e as novas configurações familiares estão sendo redesenhadas e reorganizadas à medida que se relacionam com os diversos ambientes sociais, no qual se constitui e é constituída. Compreende-se que as relações familiares são de extrema importância para a formação do indivíduo.

Aprende-se com a família e transmite-se o aprendizado por meio da construção de uma nova família, por meio das percepções organizadas e influenciadas pelo meio social. Os aspectos histórico-sociais são fatores significativos não apenas nas relações familiares, advindas da dinâmica conjugal, e são geralmente perpassados pela constituição do vínculo. No mundo contemporâneo, as relações familiares e suas mudanças se dão a partir do ambiente de sociabilidade das famílias. A base do laço conjugal advém das heranças sócio-históricas vividas pelo grupo em que o indivíduo está inserido, com o legado familiar recebido, sejam quais forem as configurações familiares.

Muitas mudanças nas relações familiares ocorreram no mundo moderno. O relacionamento conjugal também se modificou juntamente com a modernidade. As relações conjugais se veem em conflito, visto que o mundo preza a felicidade no relacionamento. Porém, as pessoas estão cada vez mais em busca de relações que as satisfaçam individualmente. Quando essa satisfação não ocorre, o rompimento da relação, nesse caso o divórcio, é um passo encontrado para o alcance desse objetivo, uma nova relação e feliz. Os papéis dentro do relacionamento mudam à medida que novas configurações se formam e a influência dessa dinâmica é interferida pelo meio social em que o casal está inserido.

A introjeção na Gestalt-terapia se dá quando os indivíduos assumem padrões do meio sem uma crítica, ou seja, não há uma troca de experiência, apenas tomam para si características do meio. Esses padrões podem ser modos de agir, de pensar, modos de falar, andar, vestir,

se relacionar, de sofrer, de sorrir. Observa-se que o mecanismo de introjeção pode estar presente nos relacionamentos, e, por vezes, não é percebido pelos indivíduos. Eles acreditam que as interferências vêm do meio, ou até mesmo do outro, do (a) parceiro (a) (HANSEN, 2010).

Constata-se desde a antiguidade a forte influência cultural presente no casamento, o que permite dizer que as mudanças do meio modificam as relações de contato, visto que o mundo moderno traz peculiaridades que não eram vivenciadas em tempos remotos. Para os casais, atualmente, há a escolha de ter filhos ou não, ou para os que não desejam assim assumir um relacionamento, é possível a presença de um filho sem todos os compromissos e obrigações envolvidas no matrimônio. Essas são mudanças decorrentes da contemporaneidade que permite aos indivíduos vivenciar novas constituições, novos olhares diante da família.

Tais mudanças podem trazer aspectos positivos e também negativos para o relacionamento, pois se aumenta a possibilidade de escolha e, a partir disso, pode-se aumentar o índice de separações e sofrimento emocional, assim como as mudanças podem contribuir para unir os indivíduos.

A Gestalt-terapia entende que a família é a base ou alicerce das relações interpessoais e da construção do indivíduo, pois os primeiros contatos interpessoais com o outro são realizados nesse grupo social. Entende que precisamos nos relacionar para nos constituirmos, para crescermos e nos tornarmos pessoas. O meio no qual o indivíduo está inserido se apresenta como aspecto importante para as suas escolhas. A família, nesse caso, carrega consigo os valores e crenças que julgam importantes para eles e, de certa forma, transmite aos seus membros. A cultura, que foi adquirido no processo de vida das pessoas dessa família, serve de base para seus membros e influenciará a escolha do cônjuge, a forma como se comporta no relacionamento conjugal e a forma como vai criar seus filhos.

Embora conceitos e papéis no contexto familiar e conjugal tenham sido modificados, compreende-se que a família vem se redescobrendo e se transformando frente à contemporaneidade. O espaço social e a família estão a todos os momentos entrelaçados e o meio e o indivíduo são parceiros dentro de uma relação de transformação (CARMO, 2007).

A relação conjugal aparece ainda como idealizada, sonhada, esperada, embora se observe que isso não seja mais o foco principal na vida do indivíduo. A atualidade possibilitou a realização do sexo separado do compromisso de um casamento, de responsabilidades maiores e de padrões e de papéis tradicionais, que se entrelaçam com as mudanças de valores e comportamentos da atualidade. O uso da tecnologia, que ao invés de aproximar as pessoas parece estar afastando, tem contribuído para relações frias e distantes, outra influência do contexto social moderno. O relacionamento hoje se constrói com a presença da individualidade fortemente internalizada e a privacidade valorizada. No entanto, não desapareceu a procura por um parceiro, visto que independente da cultura e tempo os indivíduos estão sempre à procura de contato.

Em algumas relações é possível observar alguns comportamentos adquiridos na família de origem, considerados pelo companheiro (a), não adequados à relação do casal. Porém,

quando em contato, os casais buscam minimizar os efeitos negativos na relação, evitando, assim, um rompimento.

Ao perceber dificuldades, as famílias tendem a buscar resolvê-las muitas vezes de forma superficial, sem levar em conta as necessidades individuais e percepção de cada membro da família. Porém, tratando-se de relações, o indivíduo afeta o todo e é afetado por ele. Ou seja, qualquer comportamento de um indivíduo afetará não apenas ele, mas todos envolvidos na relação, proporcionando dificuldades ou não em resolver os conflitos instalados.

Os efeitos da modernidade na relação podem influenciar a forma como os conflitos são percebidos e, por vezes, é possível observar que os indivíduos buscam se ocupar em outras tarefas cotidianas para evitar o contato com as questões não resolvidas. Isso tem o objetivo de fugir ou se abster de sua responsabilidade, já que faz parte e tem influência na relação. O contato ocorre de forma superficial e prejudicada, não transformando nem mesmo favorecendo mudanças na percepção dos membros desta família (CARMO, 2007; LINO, 2009).

O ser humano não vive um contato íntimo com sua sociedade sem que seja tragado por ela. Falar sobre famílias é antes de tudo falar sobre pessoas, indivíduos, mas que fazem parte de um todo, que influenciam e são influenciados por esse todo. Não se pode separar o indivíduo do meio, das relações estabelecidas por ele, para compreender os aspectos que o envolvem. Entender os fatores que contribuem para sua formação, suas escolhas, seus conflitos e sua percepção ajuda a produzir relações favoráveis ao crescimento humano. Compreende-se que por se tratar de um ser em constante movimento, as relações e até mesmo sua percepção podem mudar, afetando o todo que está inserido, bem como suas relações.

A família é uma instituição importante para a formação do indivíduo e do mundo, podendo estar presente na nova configuração familiar por meio da transmissão de conhecimentos organizados na família de origem de seus membros. Compreende-se que o relacionamento conjugal se transforma à medida que há interação, contato com o ambiente, com o meio ao qual a família está inserida e em relação a forma de estabelecimento de contato de seus membros (CARMO, 2007; SOUZA, 2009).

O contato do indivíduo com o meio e com a família contribui para a sua formação como ser integrante de uma relação. Por meio do contato, as transformações necessárias para o seu crescimento e do grupo acontecem. As relações que se estabelecem não apenas no seio familiar, mas em todo o contexto que se vive, contribuem para as escolhas, as vivências e experiências, seja qual for a idade, crença, grupo ou lugar que se esteja. A família tem sido a fonte de contato do indivíduo com todo o meio no qual se relaciona, contribuindo para a construção de outras relações e influenciando suas perspectivas a respeito do outro e do meio.

## **CONCLUSÃO**

A relação entre a configuração familiar, relacionamento conjugal e a nova configuração familiar estabelecida pelos membros da família de origem é mediada pela forma de contato estabelecida e ambiente social. Os primeiros contatos interpessoais com o outro são

realizados no grupo familiar, pois é preciso se relacionar para se constituir e crescermos. As mudanças advindas da cultura e da sociedade têm proporcionado transformações na organização e no convívio entre os seres humanos, fontes de interferências nas relações estabelecidas.

Compreendemos a importância da interação e contato para a construção de vínculo dentro das relações sociais e afetivas, destacando que indivíduos trabalham em parceria com o meio, cada um vivenciado de forma singular, afetando e sendo afetados pelo modo de falar, de sentir, de ouvir a partir das experiências presentes e percebidas.

O ser humano busca o equilíbrio constantemente, embora às vezes não perceba, ou tenha consciência, mas é um processo natural. Isso também ocorre nas relações familiares, busque o equilíbrio tanto individual quanto relacional, e o contato é a ferramenta que proporciona a tomada de consciência de cada indivíduo em particular para que o equilíbrio seja alcançado e as necessidades atendidas, sejam elas fisiológicas ou psicológicas.

Portanto, compreendemos que a família e o relacionamento conjugal são relações afetadas e transformadas pelo meio em que fazem parte, logo as transformações do meio e a forma que os indivíduos percebem esse meio, ou seja, interagem com ele e estabelecem contato, possibilitam oportunidades de mudanças na configuração e estruturação da família. Na atualidade, as mudanças ocorrem de modo rápido e a cada informação transmitida pela mídia, percebe-se sua influência sobre os indivíduos e sociedade.

Esse trabalho delineou alguns aspectos observados na formação de relacionamentos familiares, mas são necessárias mais pesquisas para ampliar a compreensão dos diversos fenômenos que envolvem a existência humana e suas faces. Visto que o ser humano vive em constante transformação e desenvolvimento.

## REFERENCIAS

BERNARDO, J. G. **Um olhar gestáltico acerca da auto-regulação familiar**, Revista PPOL, Psicopedagogia Online, 2014. Disponível em: [http://www.psicopedagogia.com.br/new1\\_artigo.asp?entrID=1751#.WBfDQ9rLIU](http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=1751#.WBfDQ9rLIU). Acesso em: 01 nov. 2016.

CARMO, M. **Configurações familiares: um novo paradigma**. Rev. Abordagem Gestalt., v. 13, n. 2, p. 260-262, 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672007000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 11 mar. 2016.

DANTAS, M. F. **A Gestalt-Terapia diante do amor nas relações afetivas heterossexuais**. Revista IGT na Rede, v. 8, n. 14, 2011. Disponível em: <HTTP://www.igt.psc.br/ojs/>. Acesso em: 12 abril, 2016.

GIL, A. C., **Como elaborar Projeto de Pesquisa**, 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002 S.P.

HANSEN, I. D., **As relações amorosas à luz dos mecanismos neuróticos**. Revista IGT, v. 7, n. 12, 2010, pp. 81-116. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em: 13 set. 2016.

LINO, M. V., **A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares**. IGT na Rede, 6(10) 2009. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=240&layout=html>, acesso em 23 agost. 2016.

MELO, G.P. et al. Gestalt-Terapia: **A definição de contato e a relação conjugal**. Psicologado, 2012. Disponível em: <https://psicologado.com/abordagens/humanismo/gestalt-terapia-a-definicao-de-contato-e-a-relacao-conjugal>. Acesso em: 17 mar. 2016.

PERLS, F. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

PINTO, B. C. V. **O ciúme nas relações amorosas contemporâneas: um olhar gestáltico**. Revista IGT na Rede, v. 10, n. 19, 2013, 239-249. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em: 17 mar. 2016.

POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia Integrada**. São Paulo: Summus, 2001.

QUERINO, D. **A família de origem como influência nas manifestações de contato dos filhos dentro de suas relações conjugais**. Monografia (Especialista em Gestalt-terapia) - Instituto Gestalten. Tubarão, 2006. Disponível em: <http://www.comunidadegestaltica.com.br/monografias/familia-de-origem-como-influencia-nas-manifestacoes-de-contato-dos-filhos-dentro-de-suas>. Acesso em: 17 mar. 2016.

RIBEIRO, J. P. **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica**. 4ª edição. São Paulo: Summus, 2007.

SILVEIRA, T. M. **O papel da criatividade nas relações conjugais: os limites do “eu” e os limites do “nós”**. Revista IGT na Rede, v. 4, n. 7, 2007, pp.199-207. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs/include/getdoc.php?id=1021&article=165&mode=pdf>. Acesso em: 30 ago. 2016.

SOUZA, A. M. D. R. **Perspectiva social e projetiva das representações gráficas da família em crianças paraenses**. Rev. NUFEN, v. 1, n. 1, pp. 120-139, 2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912009000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000100009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 10 set. 2016.